



O TELEJORNALISMO PAULISTA NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Autor: Edgard Ribeiro de Amorim



O telejornalismo surgiu na televisão brasileira na noite da inauguração do veículo, em 18.9.1950, na TV Tupi (Canal 3), em São Paulo. Após os discursos de praxe e antes do grande show musical de inauguração, diversas entrevistas foram realizadas com autoridades, artistas e técnicos, além de uma reportagem pelos corredores da emissora, mostrando o que continha e como funcionava uma emissora de televisão. Houve também uma crônica jornalística apresentada pelo jornalista Maurício Loureiro Gama com o título “O que é que há?” que analisava a política brasileira e suas expectativas.

O primeiro telejornal da televisão foi *Imagens do Dia*, com Luiz Resende, exibido diariamente às 21h e que permaneceu alguns anos no ar. O programa narrava os fatos e exibia alguma ilustração por meio de filmes em 16mm ou fotos.

O telejornalismo na década de 50, principalmente nos primeiros anos, era muito rudimentar, com notícias mais lidas que ilustradas e todas, ou a maior parte delas, calcadas no noticiário dos jornais impressos (era o que os profissionais chamavam ironicamente de gilete-press, ou seja, notícias recortadas do jornal). Não havia ainda uma equipe de TV especializada para fazer a cobertura do acontecimento, pois como a TV Tupi pertencia à empresa de comunicação Diários e Emissoras Associados, que possuía vários rádios e os jornais *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite*, a emissora utilizava sempre notícias e profissionais desses jornais, que possuíam recursos (material e equipe) para a realização de coberturas jornalísticas.

As matérias do telejornal eram lidas pelo apresentador no estúdio, em postura extremamente formal e com locução num estilo radiofônico. Algumas vezes, tanto a informação como as entrevistas serviam de socorro para a programação, sendo esticadas para dar tempo à troca de cenários de outras atrações ou para permitir que um defeito técnico pudesse ser reparado, como por exemplo, o pife de uma câmera, de um *spot* de iluminação, etc. Nesse sentido, assemelhavam-se aos comerciais, que também eram colocados no ar repentinamente ou esticados em sua duração, para socorrer eventuais problemas.

Em 1952, com a inauguração de uma nova emissora de televisão: a TV Paulista(Canal 5), o telejornalismo encontrou mais um canal para sua expressão. A TV Paulista lançou o jornal diário *O Que Vai pelo Mundo*, às 22h30, de responsabilidade do jornalista Juré Serpa Martins, com Aloísio Jatobá, Délio Santos e Luis Guimarães. Na parte esportiva o telejornal contava com Moacir Pacheco Torres e com o jogador Leônidas da Silva, como comentarista. Mas também esse era um programa muito lido e com poucas ilustrações.

Na verdade, essa falta de recursos era motivada pela menor importância que o veículo, na época, dava ao jornalismo. Tanto a TV Tupi quanto a TV Paulista priorizavam as realizações de shows e teleteatro.

A partir de 1953, com as câmeras de TV saindo do estúdio para cobrir, em externas, jogos de futebol, também o fato jornalístico passou a ter a possibilidade de seus profissionais saírem às ruas para a realização de matérias. As matérias, porém, eram especiais e raras, feitas com câmeras de cinema de 16mm(Aurikon ou Bell Howell.). Utilizava-se também filmes de arquivo, que as emissoras começavam a formar, ou filmes emprestados por consulados estrangeiros e entidades culturais. Essas imagens, quase sempre, tinham uma participação neutra aos fatos, como por exemplo, se a notícia fosse ocorrida no Cairo (Egito), o filme exibido dava uma visão geral da cidade egípcia sem qualquer ligação com o acontecimento noticiado.

O lançamento mais significativo da televisão, nesses primórdios, aconteceu em 17.6.1953, na TV Tupi, com a introdução do *Repórter Esso*, às 19h45, diariamente, tendo a apresentação de Antônio Carlos Nobre. Pouco depois, o apresentador passou a ser o profissional Mário Fanucchi e, mais tarde, em 1955, teve a apresentação de Kalil Filho, que permaneceu muitos anos no programa e foi o seu apresentador mais famoso. No Rio de Janeiro, na TV Tupi local, também pertencente aos Diários Associados, foi lançado o *Repórter*

Esso com apresentação de Gontijo Teodoro, que permaneceu na apresentação carioca até o encerramento do programa em 1969. O *Repórter Esso*, que tinha o patrocínio dessa poderosa empresa norte-americana de derivados do petróleo e era agenciado, em São Paulo, pela MacCann Erikson, empresa de publicidade também de capital norte-americano, veiculava notícias internacionais fornecidas pela United Press International-UPI, evidenciando fatos principalmente ligados aos Estados Unidos e sempre com a preocupação de passar uma boa imagem dessa nação. Em todas as cidades internacionais em que o *Repórter Esso* foi veiculado, obedeceu-se a mesma postura cênica e as mesmas intenções de conteúdo, com notícias vigiadas pela Esso e suas agências, conforme os interesses americanos.

As notícias tele-jornalísticas, nesse período, continham mais informações internacionais que brasileiras. O panorama internacional parecia interessar mais ao telespectador, fato aliás, também verificado na imprensa escrita, pois os grandes jornais davam poucas manchetes com notícias nacionais, reservando a primeira página quase que exclusivamente aos acontecimentos estrangeiros.

Ainda em 1953, a TV Paulista lançou *A Cidade Reclama*, um programa semanal com denúncias sobre trânsito, buracos, iluminação precária, etc., tendo sido um dos primeiros programas a se preocupar com esse gênero de prestação de serviços, nos quais os problemas eram filmados e mostrados no ar. Foi criado também no Canal 5 o programa *Momento Político*, apresentado por Roberto Corte Real, a exemplo de programas políticos que já haviam surgidos na TV Tupi. As duas emissoras criaram programas que realizavam prévias das eleições governamentais de 1954. Esses tipos diferenciados de noticiários davam nova dimensão à informação televisiva.

Em 1953 aconteceu a inauguração de uma terceira emissora de televisão na capital paulista, a TV Record (Canal 7), pertencente a empresa Emissoras Unidas, detentora das rádios Record e Pan-americana. Essas rádios conseguiam grande audiência em São Paulo e no interior paulista. A TV Record lançou, diariamente, às 19h45, o telejornal *BCR*, patrocinado pelo Banco de Crédito Real. O programa concorria diretamente com o *Repórter Esso*, da Tupi, mas não conseguiu a mesma audiência. No ano seguinte, a emissora criou, às 21h, diariamente, o jornal *Record em Notícias*, de responsabilidade de profissionais como Raul Duarte, Murilo Antunes Alves, Fernando Vieira de Melo e outros. O programa permaneceu vários anos no ar. Às 23h passou a ser apresentado o jornal *Última Edição*, com a participação de Wandick de Freitas, Viegas Neto, Clécio Ribeiro e outros. Da mesma maneira que nos outros canais, também no Canal 7 as notícias eram pouco ilustradas e só matérias muito significativas mereciam cobertura especial feita pela própria emissora.

Paralelamente aos noticiários, as emissoras sempre veicularam programas de entrevistas, de diferentes gêneros e atrações. Os de política e economia eram exibidos em horários tardios da noite, interessando apenas a um tipo de telespectador, o masculino, conforme o pensamento da época em relação aos padrões de comportamento. Os programas com entrevistas consideradas amenas ou de interesse artístico-cultural, eram veiculados mais cedo, atingindo um número maior de público.

Em meados da década começou a haver uma mudança na conduta jornalística das emissoras. A TV Paulista foi vendida para a Organização Victor Costa, proprietária da rádio Nacional, emissora poderosa em audiência e muito influente artisticamente no eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Dessa maneira, as três emissoras de televisão de São Paulo possuíam, agora, o respaldo de emissoras de rádio fortes, com boas equipes jornalísticas que eram utilizadas pela televisão.

Pelo maior conhecimento técnico que vinha se obtendo com a prática, pelo início da percepção da força de comunicação do veículo e pela nova concorrência estabelecida, o telejornalismo começou a receber maior incentivo das emissoras, dando ênfase a fatos

brasileiros como: a perda do título de Miss Universo por Martha Rocha, o 4º Centenário de São Paulo, o suicídio do presidente Getúlio Vargas, as próximas eleições presidenciais e outros. Novos programas surgiram e outros mudaram de emissora conforme os interesses dos patrocinadores. O telejornal *Mappin Movietone*, por exemplo, que se iniciou na TV Tupi, diariamente às 21h, em 1953, passou para a TV Paulista em 1955 e, por volta de 1956, transferiu-se para a TV Record. Seu apresentador nos três canais foi Roberto Corte Real, contratado pela empresa Mappin Movietone e não pelas emissoras.

A partir de 1955, apesar dos bons profissionais que havia na televisão, dois jornalistas se destacaram na TV Tupi e iniciaram a fase do repórter de televisão: Carlos Spera e José Carlos de Moraes (Tico-Tico). Esses dois profissionais, vindos do jornal *Diário de São Paulo*, dedicaram-se ao noticiário da televisão, indo atrás dos fatos, tentando transmitir diretamente dos locais, informando em primeira mão antes do jornal e do rádio, fazendo com que o veículo gerasse mais intensamente suas próprias notícias.

Ainda nessa emissora, além da continuação do *Repórter Esso*, foi colocado no ar o telejornal *Diário de São Paulo na TV*, às 22h30, diariamente, criação do jornalista Alexandre Von Baumgarten. O departamento de jornalismo da Tupi passou a ser dirigido pelo jornalista Armando Figueiredo, também profissional do jornal *Diário de São Paulo*. Armando Figueiredo deu um grande impulso ao departamento, reformulando sua orientação. O programa *Repórter Esso*, por exemplo, perdeu sua postura padronizada norte-americana, noticiando fatos brasileiros como principal atração e introduzindo notícias esportivas. O programa *Diário de São Paulo na TV* passou a ser mais dinâmico, com reportagens próprias e inovando ao trazer personalidades para serem entrevistadas no estúdio. Muitas vezes, pelo interesse despertado, essas entrevistas tinham a duração aumentada, sem maior preocupação com o horário. Isso ocorria porque, nessa época, os horários dos últimos programas noturnos a serem transmitidos, tinham maior liberdade de ação. Não fazia diferença se eles fossem encerrados à meia-noite ou à meia-noite e meia, visto que depois deles a emissora terminaria suas transmissões. Com a participação de Joaquim Pinto Nazário, João batista Lemos e Almir Guimarães, o programa *Diário de São Paulo na TV* permaneceu muitos anos no ar e marcou época principalmente por sua atuação na informação e no debate da política brasileira.

Embora a TV Paulista e a TV Record tivessem um competente departamento jornalístico, a TV Tupi se destacou mais nessa época. A emissora equipou uma perua com transmissores eletrônicos para poder gerar a notícia instantaneamente e criou o informativo *Flash* que, quando o assunto requeria, interrompia a programação e transmitia a notícia apenas em áudio, inaugurando a informação urgente, transmitida em emissão extraordinária.

Em 1957, ainda na Tupi, foi criado o programa *Edição Extra*, com duração de uma hora, tendo quatorze anos de existência. Produzido por Maurício Loureiro Gama e com apresentação do próprio Maurício e de José Carlos de Moraes, o *Edição Extra* também tornou-se um marco do telejornalismo não só pela notícia ao vivo que trazia, mas por ter se tornado uma grande tribuna popular, onde o público comparecia, pessoalmente no estúdio, para fazer denúncias, pedidos ou reclamações. Realizando entrevistas ao vivo com diversas personalidades políticas, culturais, religiosas e outras, o programa caracterizou-se também pelo auxílio que prestava à entidades e pessoas carentes. O *Edição Extra* abria as transmissões da emissora ao meio-dia.

Com o jornalismo em ascensão, evidenciando que as emissoras tinham compreendido que a notícia ou a entrevista também podiam ser show, diversos novos programas surgiram.

A TV Paulista, menos preocupada com o telejornalismo em si, criou programas de entrevistas que se tornaram muito famosos como *O Mundo é das Mulheres* e *Bate Papo com Silveira Sampaio*. O primeiro, sob o comando da apresentadora Hebe Camargo e com equipe feminina de colaboração, trazia um convidado masculino que era entrevistado com perguntas

gentis e, quase sempre, de caráter mais doméstico que, mesmo revelando um outro aspecto de sua personalidade, deixava também transparecer sua opinião à respeito dos fatos da área em que atuava. Na década de 50, a participação da mulher diante das câmeras de televisão obedecia um posicionamento extremamente educado e suave, representando o papel que a época lhe impunha. Um programa jornalístico comandado por mulheres só era aceito dessa maneira. Apenas na década de 70, a apresentadora de televisão passou a se expressar com agressividade.

Bate Papo com Silveira Sampaio, outro programa da TV Paulista que obteve bastante sucesso e até a atualidade serve de escola a entrevistadores pela maneira original de apresentação, foi criado pelo autor teatral, jornalista, produtor e apresentador Silveira Sampaio. O programa se iniciava com uma crônica política, na qual o apresentador exercia todo o seu poder de ironia, e depois introduzia os convidados a serem entrevistados. Nos anos 60, o programa foi transferido para a TV Record com o nome de *SS Show*, sendo encerrado em 1965, com a morte inesperada de Silveira Sampaio.

No final da década de 50, os repórteres de televisão já viajavam por todo o país, realizando reportagens especiais *in loco*. Como não havia satélite para transmissão direta, o telejornalista ia atrás do fato, utilizando equipamentos da emissora, mas, muitas vezes, pagando a passagem do próprio bolso ou trocando-a por divulgação de patrocínio. A realização de inúmeras dessas reportagens foi devida ao esforço, interesse e visão jornalística desses profissionais. As matérias continuavam sendo filmadas com equipamentos de cinema em 16 mm pois ainda não existiam as câmeras compactas de TV, nem se utilizava o videoteipe. Uma transmissão à longa distância, do fato para o estúdio, ao vivo, era difícil, devido aos inúmeros sinais receptores de imagem que deveriam ser colocados por todo o trajeto, a um custo muito alto. Além de algumas experiências, apenas uma transmissão à longa distância, ao vivo, tinha, até então, sido realizada em 1956, quando a TV Record (que foi a pioneira a transmitir à longa distância) exibiu o grande prêmio do hipódromo da Gávea, do Rio de Janeiro para São Paulo. Quatro anos mais tarde, em 1960, na inauguração de Brasília, a nova capital brasileira, outra transmissão ao vivo foi realizada, formada por um *pool* de emissoras, para exibir os festejos e personalidades do evento. As imagens para as diversas capitais brasileiras foram transmitidas por aviões da Força Aérea Brasileira, que ficaram sobrevoando a nova capital, captando e enviando as imagens para antenas receptoras instaladas em terra, principalmente no eixo das cidades Belo Horizonte-Rio de Janeiro-São Paulo. Além do esforço técnico, essa transmissão destacou o trabalho dos repórteres, informando e entrevistando, em condições muito precárias, todas as personalidades nacionais e estrangeiras presentes, fazendo com que as notícias se adiantassem às informações dos jornais.

Após ter vivido tanto anos à custa da informação dos jornais (o já citado gilete-press), no final dos anos 50 o telejornalismo encetava todos os esforços para ser uma fonte original de informação.

Produziram-se reportagens especiais internacionais, fato até então inédito, como, por exemplo, a entrevista exclusiva feita pelos jornalistas da TV Tupi, Carlos Spera e Almir Guimarães, no presídio de San Quentin, nos Estados Unidos, no final de 1960, com Caryl Chessman, um condenado à cadeia elétrica. Esse preso seria executado no dia seguinte à entrevista e o assunto causava muita polêmica na ocasião, com pedidos de clemência do mundo inteiro, pois, apesar de assassino, acreditava-se que ele já havia se regenerado após vários anos de cadeia. A execução se consumou e a matéria teve grande repercussão, recebendo até elogios internacionais.

Nessas reportagens especiais, a idéia partia do repórter que a expunha à diretoria do Departamento Jornalístico. Ele recebia o aval para produzi-la, utilizava equipamentos da emissora, mas se locomovia à sua própria custa. Mesmo assim, segundo depoimentos de

profissionais, o jornalista de televisão, nessa época, tinha mais liberdade e personalidade para fazer o seu trabalho.

Os anos 60 trouxeram profundas modificações ao telejornalismo brasileiro. Aliados à mentalidade de que a notícia era uma grande atração e se beneficiando da utilização da técnica do vídeoteipe (gravação de som e imagem), os programas tiveram maior movimentação tanto dentro quanto fora do estúdio, na produção de matérias externas e reportagens que tornassem os telejornais menos lidos, mais imediatos e com maior participação e interferência nos fatos. Para discutir os acontecimentos, vários programas de debates apareceram, nos quais as questões podiam ser esclarecidas com a presença dos responsáveis.

Na TV Record surgiu, em 1960, o programa *Território Livre*, que teve a duração de dois anos. Era veiculado às sextas-feiras, à meia-noite, tendo a coordenação de Viegas Neto e a proposta de um debate político dinâmico e esclarecedor.

Na TV Tupi, em 1961, surgiu o programa *Pinga Fogo*. Apresentado e coordenado por Aurélio Campos e com a participação dos jornalistas Almir Guimarães, José Carlos de Moraes, Carlos Spera, Maurício Loureiro Gama, Joaquim Pinto Nazário e Armando Figueiredo, o programa entrevistava um convidado, quase sempre ligado à política ou à economia. Iniciado por volta da meia-noite, muitas vezes estendia-se pela madrugada, chegando a até três horas de duração, pelo interesse que o assunto suscitava. A inovação que trouxe, além de esmiuçar fatos importantes da sociedade nacional, foi introduzir a participação do telespectador, que podia fazer perguntas ou opinar, por intermédio do telefone. Com duração de sete anos, *Pinga Fogo*, mesmo após o golpe militar de 1964 e a instalação da ditadura, manteve sua linha de informação, de interferência ou denúncia. Contudo, em 1968, foi encerrado, em razão da promulgação do Ato Institucional nº5, pela ditadura, que acabou com a força de expressão de todo programa jornalístico de cunho político.

Até então, a preocupação maior da censura de televisão, no país, havia sido, sempre, em relação a cenas de desrespeito à moral familiar. Do AI-5 em diante, a vigilância militar sobre o conteúdo das informações passou a ser total.

Adaptando-se às novas regras, as emissoras de televisão continuaram veiculando seus programas mais famosos tais como: *Repórter Esso*, *Record em Notícias*, *Mappin Movietone* e outros.

Na TV Tupi foram inaugurados: *Bolso do Repórter*, às 18h, com José Carlos de Moraes, *Ultra-Notícias*, com Ribeiro Filho, e aos domingos, às 20h, *Revista Mundial*, com Maurício Loureiro Gama, que continha um jornalismo voltado para os problemas internacionais e suas repercussões no Brasil e na América Latina. Esses programas tiveram curta duração. A introdução do vídeoteipe permitiu a idéia de programação em rede, com um programa gravado seguindo por malote aéreo para outra capital. Também o telejornalismo começou a utilizar matérias que não envelhecessem no dia e pudessem ser exibidas em outras cidades, posteriormente. Uma emissora, além de utilizar suas próprias matérias, podia veicular matérias de emissoras pertencentes a mesma organização empresarial, tornando o noticiário mais informativo.

Nos anos 60, deu-se uma inversão no processo de veiculação da informação entre a televisão e o jornal: a televisão tornou-se a divulgadora, em primeira mão, das notícias, à noite; o jornal, só na manhã seguinte, iria veicular e comentar as mesmas notícias.

Com o aparecimento de mais duas emissoras de televisão na capital paulista em 1960, o jornalismo teve outras possibilidades de expansão.

A TV Cultura (Canal 2), pertencente à cadeia das Emissoras Associadas, produziu atrações normais, não muito marcantes. A outra emissora, a TV Excelsior (Canal 9), revolucionou não só o jornalismo, mas toda a televisão brasileira implantando idéias até hoje utilizadas. Fraca em audiência nos três primeiros anos de sua existência, a TV Excelsior emitia um

jornalismo de pouca repercussão. O programa que mais se destacou nesse início foi *Brasil 60*, que inaugurou a atração das grandes revistas do domingo à noite na televisão, apresentando shows musicais, variedades, entrevistas e reportagens.

A partir de 1963, a Excelsior mudou radicalmente sua programação, introduzindo as idéias de modernidade e dinamismo que a marcaram na história da televisão brasileira, tais como a industrialização da produção, a idéia de rede por meio do vídeoteipe e outras. Dessas idéias, muito se beneficiou o telejornalismo.

Em todas as emissoras de TV, o apresentador de telejornal mantinha uma postura formal, quase estática, sentado atrás de uma mesa, tendo uma cortina com o logotipo do jornal como fundo. Os enquadramentos de câmera era praticamente fixos, sem variações.

A TV Excelsior transformou o noticiário numa grande atração, com a presença de vários apresentadores e comentaristas se movimentando livremente num cenário atraente. O primeiro desses programas foi *Show de Notícias*, veiculado às 22h, sob a coordenação de João Batista Lemos. Como o nome dizia, a intenção era fazer um grande show, com matérias próprias, produzidas em filme 16mm, apresentadas e comentadas por sete profissionais, masculinos e femininos. A proposta do *Show de Notícias* era a de veicular um informativo de cunho nacionalista, com muita carga de opinião, tentando influenciar o telespectador. Contudo, como a emissora era aliada politicamente ao governo João Goulart, deposto pelo golpe militar de 1964, o telejornal começou a ser não apenas vigiado mas perseguido, o que fez com que sua posição de independência político-social fosse anulada. Tecnicamente, o programa inovou ao entrevistar personalidades, filmando apenas as respostas. As perguntas eram feitas no estúdio por um apresentador e o filme com a resposta era colocado no ar no momento exato, dando a impressão que a matéria estava sendo feita na hora.

Às 19h40, a Excelsior veiculou o telejornal *A Marcha do Mundo*, com duração de quinze minutos. Sua apresentação era feita por Kalil Filho, o famoso apresentador *do Repórter Esso*, que foi convencido a sair da TV Tupi em troca de um salário milionário. De comportamento mais tradicional, *A Marcha do Mundo* tecnicamente também foi inovador ao colocar, no estúdio, quatro telas para exibição das matérias. O apresentador introduzia a notícia e virava-se para a tela que a mostraria. A câmera, em plano geral, ia fechando nessa tela, dando a idéia de maior modernidade técnica. Aproveitando a presença famosa de Kalil Filho, que atraía também a audiência feminina, a Excelsior lançou o telejornal entre duas telenovelas, captando, assim, o público das novelas para o noticiário. A tática deu bons resultados e *A Marcha do Mundo* aumentou sua audiência. Essa idéia, ainda hoje, é copiada pelas emissoras.

Outro telejornal importante lançado pela Excelsior foi o *Jornal de Vanguarda*, produzido na TV Excelsior do Rio de Janeiro, com a direção de Fernando Barbosa Lima. Criado após o golpe militar, o jornal driblava a censura com um total informalismo, cheio de ironia e criatividade, dizendo todas as verdades que pretendia. *Jornal de Vanguarda* levou o próprio jornalista para o estúdio. Profissionais como Newton Carlos, Sérgio Porto, Millôr Fernandes, Villas Boas Correa e Tarcísio de Holanda realizavam as reportagens e eles mesmos as apresentavam, comentando-as e interpretando-as com esclarecimentos e opiniões. O jornal possuía um apresentador, Cid Moreira (iniciando-se na televisão), que fazia a abertura, introduzia as matérias e encerrava a atração. Em razão da maneira aprofundada de se comentar as notícias, muitas matérias do *Jornal de Vanguarda* eram enviadas, em vídeoteipe, para outros telejornais de emissoras coligadas à Excelsior, iniciando a idéia de telejornalismo em rede nacional. A informação instantânea em rede nacional seria concretizada seis anos mais tarde, por meio dos satélites de comunicação.

Ora no ar, ora fora do ar, ora na Excelsior, ora em outra emissoras, o *Jornal de Vanguarda* durou até 1968, quando seu diretor resolveu tirá-lo do ar (na TV Tupi-Rio) em virtude do total

cerceamento dos informativos da TV e do Rádio, causado pelo Ato Institucional nº 5, da ditadura militar.

Paralelamente ao aprimoramento e importância dos programas jornalísticos, surgiram, na década de 60, algumas atrações de cunho informativo denominadas “mundo cão” que exploravam, de maneira agressiva, escandalosa e até escatológica, as tragédias, principalmente pessoais, de elementos dos segmentos economicamente mais pobres da população que, por um determinado cachê, se prestavam a situações e revelações quase sempre constrangedoras e ridículas. Dentre os diversos, o mais conhecido e de maior permanência no ar foi *O Homem do Sapato Branco*, na TV Excelsior, com o apresentador Jacinto Figueira Jr. Outros programas, nas outras emissoras, aproveitaram esse filão de exploração emocional até então desconhecido no veículo: a miséria humana exibida como show.

Dentro dessa linha, mas com proposta mais séria, foi lançado na TV Record, no final da década, o programa *Quem Tem Medo da Verdade?*, de produção e mediação de Carlos Manga que, com o auxílio de oito personalidades num júri, entrevistava e julgava um convidado famoso do meio sociocultural. Conforme o nível emocional da pessoa entrevistada, o programa podia tornar-se mais agressivo, com perguntas íntimas e perturbadoras, levando, às vezes, o entrevistado às lágrimas ou ao abandono do programa.

A TV Record, no auge de sua fama nos anos 60 em razão dos programas e festivais voltados para a música, não se preocupou com um telejornalismo marcante. Lançou, contudo, programas de entrevistas e de reportagens especiais. O mais famoso deles foi o programa *Hebe*, que apesar de ser de variedades, com a presença de auditório, apresentou entrevistas com importantes personalidades brasileiras e internacionais, além de debater temas polêmicos da sociedade brasileira. Outro programa foi *Dia D*, sob o comando inicial de Cidinha Campos e, mais tarde, da cantora Maysa. *Dia D*, por intermédio das câmeras portáteis de TV, já existentes, saiu do estúdio e produziu matérias na rua, na residência dos entrevistados, em diferentes cidades do Brasil e do Exterior, exibindo matérias que tornaram-se muito significativas para a história do jornalismo de televisão.

Outro gênero, que explorava o lado sentimental da informação de maneira mais suave e agradável do que os do chamado “mundo cão”, foi o de programas como *Esta é sua Vida*, que obteve muito sucesso na TV Tupi. A atração devassava a vida de seus convidados famosos com reportagens e entrevistas, causando momentos de intensa emoção vividos pelos participantes, pelo auditório e pelo telespectador.

Em 1967 foi inaugurada mais uma emissora de Televisão, a Bandeirantes (Canal 13), associada à rádio Bandeirantes de São Paulo. Entre diversas atrações informativas, a emissora criou o noticiário *Titulares da Notícia*, sob o comando de Alexandre Kadunc e a participação de jornalistas já conhecidos do público como Maurício Loureiro Gama, Salomão Esper, José Paulo de Andrade, Vicente Leporace e outros. O telejornal tinha a proposta de ser predominantemente voltado para a realidade brasileira. Com grande número de matérias ilustradas, toda notícia era esclarecida por comentários, com muita intenção de crítica ao sistema político-social vigente. Também “abrandado” pelo AI-5, o jornal permaneceu no ar até meados dos anos 70.

Outras atrações de cunho jornalístico foram realizadas como seções dos programas femininos, tanto na década de 50 como na de 60. Os mais famosos deles: *Revista Feminina*, de Maria Tereza Gregori, na TV Tupi e *Clube do Lar*, de Heloisa Castellar, na TV Paulista, traziam, além de telejornal, matérias informativas com entrevistas e reportagens elucidativas de problemas sociofamiliares.

Sem serem exatamente femininos, mas discutindo principalmente a problemática da mulher e da família foram os programas realizados por Vida Alves (atriz e produtora) na TV Tupi e na TV Excelsior. O programa *Vida Convida*, na TV Tupi, diariamente, às 16h, discutia, num

debate com convidados, problemas jurídicos, políticos, escolares, médicos e outros enfrentados pela sociedade feminina.

No final dos anos 60, o jornalismo tornou-se uma atração de disputa entre as emissoras de televisão. Reportagens, especialmente no exterior, foram produzidas, cobrindo eventos como: a primeira viagem internacional do papa Paulo VI, a guerra dos Seis Dias no Oriente Médio, as Copas Internacionais de Futebol, as Olimpíadas e outras. Como ação primordial do repórter da época, muitos furos jornalísticos foram veiculados. Um deles foi a benção especial enviada para o Brasil pelo papa Paulo VI obtida pelo repórter José Carlos de Moraes (o Tico-Tico), na Palestina, ao se colocar no caminho do papa e interceptá-lo com rápida entrevista. Outro furo foi a entrevista realizada em meio a bombardeios na guerra entre Israel e Egito, pelo repórter Ferreira Neto, para a TV Tupi, em 1968.

O esforço pessoal dos profissionais, marco de toda essa fase do jornalismo de televisão, era tão pouco recompensado que, após o envio da matéria por avião para o Brasil, a TV Tupi não mandou passagem de volta para o jornalista Ferreira Neto, deixando que voltasse como pudesse do Oriente Médio.

Com o final da década de 60, o idealismo e a fase de aventura jornalística também finalizaram na televisão. As transmissões via satélite introduziram a época da comunicação instantânea com todo o planeta, concretizando-se a aldeia global preconizada pelo estudioso norte-americano Marshall McLuhan. A imagem ao vivo e imediata passou a conviver diariamente com o telespectador. No Brasil, o melhor exemplo disso foi manifestado no *Jornal Nacional*, da TV Globo, iniciado em 1969, e que, a partir de 1970, via satélite, tornou-se o telejornal de maior audiência da história da televisão brasileira.

Em razão não só do fascínio exercido pela informação que coloca o mundo, ao vivo, dentro da casa do telespectador, mas também pela necessidade de maior informação, debate e conscientização sobre a sociedade brasileira, os programas jornalísticos tiveram grande impulso nos anos 70 e 80, adquirindo maior espaço e importância no veículo, ao contrário dos anos 50 e 60, quando as encenações dramáticas e os grandes shows eram bem mais prestigiados.

Fim